



## **“PREVENIR É MELHOR DO QUE CURAR”<sup>1</sup>: CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS HIGIENISTAS SOBRE ESCOLAS NO BRASIL E NA COLÔMBIA (1916-1940)**

Lais Vasconcelos Santos<sup>2</sup>; Alexandro dos Santos<sup>3</sup>; Iranilson Buriti de Oliveira<sup>4</sup>

*Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. E-mail: lais\_lvs@hotmail.com*

**Resumo:** Este trabalho pretende dar visibilidade às conexões entre Educação e Saúde a partir dos escritos pautados em ideais higienistas que circularam em impressos brasileiros e colombianos no período de 1916 a 1940. A presente escrita possui como objetivo estudar a higiene escolar, dando especial atenção a aproximação com as assistências escolares, e nessa relação foi proposto a realização de diálogos sobre a circulação e transmissão desses discursos. Para tanto, foram consultados os seguintes impressos: a *Revista do Ensino*, *A Escola Primária*, o livro *A fada Hygia*, o jornal *Correio da manhã* e a *Revista Salud y Sanidad*. Bem como memórias ministeriais, decretos e leis voltados para a saúde pública e educação do corpo nos países e no período supracitado. Como aporte teórico-metodológico foi estabelecido uma aproximação com as contribuições de Roger Chartier, adotando a teoria que repensa os conceitos de leitura e apropriação. Portanto, conseguimos perceber que os discursos sobre higiene escolar compuseram uma rede que circulou e agenciaram ideais transmitindo hábitos salutar e higiênicos. O espaço escolar se conformou como local ideal para a divulgação desses discursos. Os profissionais de saúde inseridos na escola atuaram por meio de atividades de vigilância, medicalização, disciplinarização e controle buscando produzir corpos saudáveis.

**Palavras-chave:** Educação; Saúde; Higiene Escolar.

---

<sup>1</sup> Título inspirado no slogan da *Revista Salud y Sanidad*, circulado na Colômbia na década de 1930.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduada em Enfermagem pela UFCG, campus I.

<sup>3</sup> Graduado e mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: alexandrodossantos09@gmail.com

<sup>4</sup> Pós-Doutor em História das Ciências e da Saúde. Professor da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG; bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: iburiti@yahoo.com.br



## INTRODUÇÃO

A higiene, meus amigos, é a nossa maior amiga e protetora. Ela é, como um anjo benfazejo, a zeladora de nossas vidas. Sempre alerta, dá-nos conhecimentos, meios e coragem para combater os nossos peores inimigos, isto é, as doenças (KEHL, 1925).

Dessa forma, o médico eugenista Renato Kehl<sup>5</sup>, apresentava às ideias higiênicas no livro didático, adotado em escolas brasileiras entre as décadas de 1920 a 1930, intitulado *A fada Higia*<sup>6</sup>. Tal personagem foi fundamental para organização da obra, contando histórias, dando conselhos, possibilitando a representação infantil para que por meio dos seus ensinamentos compreendessem que a higiene era o melhor caminho, pois como circulou no slogan de uma revista<sup>7</sup> colombiana “prevenir é melhor do que curar”.

Dito isto, propomos com esta escrita dar vozes aos discursos pautados em ideais higienistas que circularam em periódicos brasileiros e colombianos no período de 1916 a 1940, buscando modificar as atividades escolares e instituir a atuação de profissionais da saúde, médicos, enfermeiros, dentistas e higienistas, só para exemplificar, na busca de vigiar, disciplinarizar, controlar e produzir corpos saudáveis.

Nessa acepção, encontramos os médicos liderando o processo de higiene social nos países em estudo, contribuindo com as agendas dos governantes na busca da modernização e urbanização. Esses possuíam como propósito regular os comportamentos sanitários, educar a população em matéria de higiene e castigar os infratores das normas sanitárias (ARAMÉNDIZ e MENDOZA, 2013).

Então, para complementar essas estratégias é atribuída à educação a capacidade de civilização dos povos, regeneração moral e profilaxia social. Assiste-se a um processo de institucionalização e difusão da educação escolar, o qual deveria agir sobre múltiplos aspectos, tendo como uma das suas mais importantes marcas a intenção de forjar os futuros cidadãos, desdobrando-se em dispositivos civilizatórios configurados com vistas a garantir a socialização das crianças, tanto no Brasil quanto na Colômbia. Logo, a difusão da escolarização permeou intervenções sobre o corpo e a mente infantil, buscando produzir um conhecimento científico sobre os alunos, o qual deveria orientar a organização da instituição

---

<sup>5</sup> Renato Kehl “foi um dos principais agentes sociais do campo eugênico brasileiro. Desde as primeiras décadas do século XX até a data da sua morte, em 1974, ele estava envolvido com o debate sobre a pertinência da eugenia como o remédio para os vários males da sociedade” (SANTOS, 2008, p.9).

<sup>6</sup> O livro teve sua primeira edição datada de 1925 e foi publicada pela Livraria Francisco Alves. A segunda edição veio a lume cinco anos depois. Esse livro continha, conforme os médicos da época, valiosos preceitos de saúde. Um livro recheado de imagens e textos com a função de despertar nas crianças o interesse pela educação higiênica, ou seja, pelos hábitos sadios (SOARES JÚNIOR, 2015).

<sup>7</sup> Revista Salud y Sanidad- publicação mensal do Departamento Nacional de Higiene, de Bogotá.



escolar nos seus mais diversos aspectos, incluindo os procedimentos pedagógicos (ROCHA; MARQUES, 2006).

Nessa direção, os discursos higiênicos sobre as escolas tornaram-se ações que atuaram sobre os prédios, os currículos, os professores, os alunos e familiares. A adoção da disciplina de higiene fundamentada à luz dos conhecimentos médicos compuseram os cursos das escolas primárias, secundárias e normais divulgando a formação de hábitos saudáveis e moralmente úteis à sociedade. Os escolares foram apresentados a um conjunto de regras e medidas de “modelação higiênica” (CÂMARA, 2013). Segundo Gonzáles (2015) passaram a fazer parte do cotidiano escolar: atividades relacionadas com o cuidado do corpo (duchas, banhos e gymnástica), normas de comportamento social, moral, maneiras de prevenir as enfermidades que eram o perigo para as crianças e inserção de temas de higiene nos edifícios, mobiliários, materiais escolares, nos horários, nas distribuições de tarefas, nas leituras, escrita, exames, na educação física (HERRERA, 1999).

Por isso, buscamos desenvolver este trabalho, identificando nos escritos da higiene escolar a aproximação com as assistências escolares, e nessa relação procuramos refletir sobre a circulação e transmissão desses discursos.

## **METODOLOGIA**

Então, com a intencionalidade de problematizar o discurso higienista que circularam pelos espaços escolares brasileiros e colombianos nas primeiras décadas do século XX, adotamos o referencial teórico apoiado nas contribuições de Roger Chartier, pois este autor possibilita pensarmos a leitura como um modo de busca e a apropriação como a reelaboração de sentidos ao recepcionar os textos. Assim, percebemos que alguns conceitos tornam-se fundamentais para o nosso trajeto teórico-metodológico, visto que ao escrever os textos, profissionais de saúde receitam formas e modos de viver para os sujeitos, e colocam em circulação discursos que formarão novos cenários para esses. Então, um diálogo entre as formas de ler, de prescrever, de endereçar os discursos a determinadas comunidades de leitores será necessária no desenvolvimento deste trabalho.

Assim, pretende-se ir ao encontro do conceito de leitura como um modo de busca, pois o ato de ler, como aponta Chartier (2001a) é “uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros”. Para dar conta da circulação de ideias sobre a higiene, lançamos mão do que Chartier



denominou de apropriação<sup>8</sup> dos discursos, no sentido hermenêutico. Nessa perspectiva, a apropriação consiste no que os leitores elaboram ao receberem os textos. “Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos” (CHARTIER, 2001b, p.67).

Então, para desenvolver este trabalho adotamos como fontes impressos brasileiros e colombianos, que divulgavam discursos pautados na higiene, a saber: a *Revista do Ensino* (Paraíba), *A Escola Primária* (Rio de Janeiro), livro *A fada Hygia* (Brasil), o jornal *Correio da manhã* (Rio de Janeiro), *Revista Salud y Sanidad* (Colômbia).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Desenvolvendo conexões: A higiene escolar**

A divulgação dos preceitos higienistas, por meio de escritos médicos, na busca de disciplinarizar, controlar e moldar os futuros cidadãos pode ser notado por meio da circulação de textos veiculados em impressos como livros, jornais e revistas. Porém esse discurso pautado em preceitos higiênicos, sanitaristas e eugênicos não estava limitado aos impressos, salas de aulas ou clínicas médicas. Mas sim, estabelecia uma rede de conexões que envolviam as estratégias políticas, as produções das ciências da saúde, as escolas e sociedade, só para situarmos. Contudo, compreendemos que esses pontos estabelecem outras ligações e perpassam nosso alcance, por isso, buscamos evidenciar neste trabalho as ligações retratadas pelas assistências escolares, em especial o eixo: políticas, espaço escolar e inspetorias.

*Nas políticas.* Na trama de relações que articulam práticas de saúde e educação houve o surgimento de decretos, os quais apontavam a responsabilidade de órgãos públicos para a organização e controle de estratégias pautadas nos ideais higienistas. Como exemplo, temos:

a) a introdução da Lei nº. 1.541 no ano de 1916, no estado de São Paulo, Brasil que ampliou a atuação dos médicos inspetores escolares em relação à preservação da saúde das crianças, estabelecendo o exame cuidadoso dos órgãos visuais e auditivos, a inspeção buco-dentária e o encaminhamento dos alunos que apresentassem enfermidades para as clínicas escolares, além da participação dos médicos inspetores em conferências públicas acerca de temas ligados à higiene escolar (ROCHA, 2005).

b) na Colômbia, também aconteceu em 1916 uma articulação saúde e educação, observada nos estabelecimento de escolas secundárias e assembleias educacionais a evidente atuação dos inspetores provinciais de instrução pública e dos médicos escolares. Esses

---

<sup>8</sup> Roger Chartier tomou de empréstimo o conceito de apropriação de Michel de Certeau.



profissionais começaram a ocupar os espaços administrativos, acrescentando a sua atividade a divulgação de saberes como higiene e prescrevendo práticas sanitaristas a serem adotadas no interior da escola. Bem como, foram mestre dos professores, sendo responsável por formações para divulgar os saberes da higiene escolar (OSPINA LÓPEZ; SALDARRIAGA; SÁENZ OBREGÓN, 2010).

*Nos espaços escolares.* Apoiado no agenciamento dos discursos médicos para uma educação higiênica as escolas passaram a serem laboratórios para práticas de ações preventivas e moralizantes das crianças. Além de local consagrado à instrução da infância, a instituição escolar foi concebida enquanto lugar de educação, de higienização, de medicalização e de regeneração, aspectos que se instituíram de maneira mais efetiva com a criação das assistenciais escolares, que atuavam: médicos, enfermeiras, dentistas, tais como:

a) Nas escolas brasileiras: os Serviços de assistência medica escolar- destinados a atender os alunos doentes (A ESCOLA PRIMÁRIA, 1919); a atuação das enfermeiras visitadoras- as quais assistiam nos dispensários de hygiene pré-escolar e escolar e realizavam visitaçao domiciliar para assegurar o tratamento das doenças ou correções phisicas e mentaes (CORREIO DA MANHÃ, 1930); a instalação de gabinetes dentários - configurado como uma estratégia de publicizar e cuidar dos dentes e da boca (REVISTA DO ENSINO, 1933)

b) Nas escolas colombianas: a Divulgação da escola higiênica, pautada em ambientes limpos, arejados, luminosos e alegres, com instalação de espaços para hygiene dos alunos: banheiros, lavabos de boca (REVISTA SALUD Y SANIDADE, 1932). Atuação de assistência médica e dentária, em clínicas instaladas nas escolas (REVISTA SALUD Y SANIDAD, 1937).

*As inspetorias escolares.* Pautados em mecanismos de vigilância, controle e fiscalização das condições sanitárias das escolas e também das crianças e suas relações familiares, percebemos com a atuação das inspetorias o estabelecimento de exame cuidadoso dos órgãos visuais e auditivos, a inspeção buco-dentária, a vacinação, o preenchimento de fichas e do livro de inspeção, que possibilitavam a produção e divulgação de relatórios, com os dados de sadios, doentes, enfermidades prevalentes, só para situar.

### **Estabelecendo Diálogos...**

Diante desse e de outros discursos que circularam nas Revistas, jornais e livros, no Brasil e na Colômbia, podemos perceber como apontam Soler e Rossi (2011, p.37) que esses impressos “materializam um mecanismo de ação



estratégico que, mediante a organização dos documentos escritos, considerados “científicos”, disputa o controle simbólico sobre a infância e a pedagogia, difundindo ideais de sujeito e de sociedade, contribuindo para dar forma a projetos políticos”.

Nessa direção, encontramos nos textos analisados o estabelecimento de relações entre pessoas, profissionais, instrumentos, espaços, instituições, governo, leis que se conectaram através de discursos e compuseram o que podemos definir como uma rede, que divulgou ideais que foram circulados para além das fronteiras do Brasil e Colômbia, recepcionando informações agenciadas principalmente no território latino-americano, propiciado por influências da Fundação Rockefeller.

Referente às associações estabelecidas pensando no campo científico, apontamos a Fundação Rockefeller, como uma importante agência que atuou em países da Ásia, Europa e América Latina, na formação de distintas áreas de conhecimento, bem como realizando ações, em grande medida, para a doação, sem fins lucrativos, em atividades científicas, em universidades e institutos de pesquisa, diante do crescimento da importância e das necessidades da ciência e da tecnologia (FARIA; COSTA, 2016).

Então, ao entender que temos uma rede, que possuem amarrações de humanos e não-humanos, podemos pensar não mais em termos de unidade, mas a partir de um dinamismo processual e sempre constante de associações, indo ao encontro do que coloca Bruno Latour ao identificar a presença de uma simetria no tratamento do social e do tecnocientífico. Nesse sentido, esse autor propõe outra maneira de se compreender o social, não mais de forma segmentada e, sim, através do movimento e das associações que se estabelecem entre elementos heterogêneos presentes numa rede de relações. Essa coletividade busca traduzir o que acontece nas relações entre pessoas e materialidades nas práticas cotidianas (LATOIR, 2012).

Dessa maneira, identificamos na circulação de ideais higienistas em escolas no Brasil e Colômbia no período estudado, que aconteceu por meio da geração estratégica de uma rede de relações sociais e a canalização de itens específicos (como informações, leis, manuais, regras) através de certos pontos fundamentais de interação que foram capazes de influenciar, professores, alunos, cidadãos, traduzindo e transmitindo a mensagem da higiene, que trazia como pano de fundo o poder.

Logo, identificamos na circulação desses discursos o que Foucault denomina de biopolítica governamental. Percebendo a intencionalidade estatal, na busca de corpos saudáveis para o trabalho, voltada a adotar um



processo de higienização para agir sobre o povo, que era tido como incivilizado/ignorante/sujo. E para alcançar esse processo, algumas estratégias foram tomadas, dentre as quais destacamos a instituição escolar, como importante cenário que deveria focar nas crianças para modificar e se tornarem o “futuro da nação”.

Nessa direção, vamos ao encontro de estratégias exercidas para o controle da sociedade, tornando-se visível às marcas das relações de poder. Logo, deparamo-nos nesse momento retratado com o que Foucault denomina de “dominação política do corpo”, que permite o controle das operações do corpo por meio da disciplina, a qual

“Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar” (FOUCAULT, 2010, p. 138).

Por meio da técnica disciplinar, o espaço, é organizado de forma que os indivíduos não fiquem aglomerados uns sobre os outros, é possível controlar as presenças e as ausências, saber quantos indivíduos ocupam um mesmo lugar. O comportamento passa a ser vigiado e controlado, evitando, assim, os desvios de conduta. Nas aulas de Higiene nas primeiras décadas do século XX, o professor, consegue disciplinar o corpo dos discentes, inculcando ideais higiênicos e corrigindo aqueles hábitos tidos como incorretos.

Relacionado aos escolares podemos entender o corpo infantil como uma realidade biopolítica, a partir do qual foi foco de controle do estado (visando ações econômicas, lucrativas) e também da medicina para objeto de medicalização. Considerando as figuras dos profissionais de saúde atuando nas escolas retratamos outra força de poder abordada por Foucault, o biopoder, que “só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos” (FOUCAULT, 2011).

Portanto, notamos nos espaços escolares a atuação de estratégias pautadas na vigilância e no controle dos corpos. Para Foucault, a vigilância é uma tecnologia de poder que incide sobre os corpos dos indivíduos, controlando seus gestos, suas atividades, sua aprendizagem, sua vida cotidiana. Ao percorrer os corredores das instituições escolares, é possível realizar uma vigilância geral e individual. Desse modo, o saber médico-higienista adentrou os espaços escolares vigiando, ditando normas de conduta e comportamento, medicalizando e disciplinando os corpos dos sujeitos envolvidos no processo educativo.



Assim, encontramos um processo de medicalização da sociedade que resultou em relações intrinsecamente hierárquicas e disciplinadoras, e com subordinações múltiplas a produção de conhecimento e as estratégias de controle. Ademais, os atos de cuidar e as práticas de cura portam também dissonâncias, consensos, diluições, ambiguidades, recriações e positivities (HOCHMAN; ARMUS, 2004).

## CONCLUSÕES

Compreender o higienismo como uma estratégia adotada pelos Estados brasileiro e colombiano nas primeiras décadas do século XX desdobra-se no entendimento de que uma rede de relações conectadas pelos discursos científicos agenciaram estratégias que tiveram os escolares como alvos de ações de métodos normativos. Assim, ficou perceptível que a higiene escolar atuou sobre o corpo dos sujeitos envolvidos nas práticas educativas impondo hábitos salutar e higiênicos. O espaço escolar se conformou como local ideal para a divulgação desses discursos. Os profissionais de saúde inseridos na escola atuaram por meio de atividades de vigilância, medicalização, disciplinarização controlando os corpos dos sujeitos. Para, além disso, sinalizamos que a história das assistências escolares perpassam os limites desta escrita. Todavia, desejamos que estas palavras possibilitem o despertar de problematizações dos discursos e dos fazeres científico diante a rede de relações que esses se inseriram/inserem.

## REFERÊNCIAS

**A ESCOLA PRIMÁRIA**. Rio de Janeiro, 1919.

CAMARA, S. A Escola Revisitada: educação higiênica e práticas educativas na Reforma Fernando de Azevedo no Distrito Federal de 1927 a 1930. In: **VII Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2013, Cuiabá. VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Cuiabá: UFMT, 2013.

CHARTIER, R. Textos, impressão, leitura. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história**. Conversas de Roger Chartier com Carlos A. Anaya, Jesús A. R., Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001b.

**CORREIO DA MANHÃ**. Rio de Janeiro, 1930.

FARIA, L.; COSTA, M. C. Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, p. 159-191, 2006 .



FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado, 29ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 2010.

GONZÁLES, S. N. Medicalización, higiene y escuela en Colombia 1886-1930. **Rev. Internacional de Salud, Bienestar y Sociedad**, v. 2, n. 1, 2015.

HERRERA CORTÉS, M. C. **Modernización y Escuela Nueva em Colombia**: 1914-1951. Santafé de Bogotá: Plaza e Janes Editores Colombia, 1999.

HOCHMAN, G; ARMUS, D. **Cuidar, Controlar, Curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

KEHL, R. **A fada hygia**: primeiro livro de hygiene. 5ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925.

LATOURETTE, B. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. São Paulo: EDUSC, 2012.

MARQUES, V. R. B.; FARIAS, F. C. S. Á. "Façamos dessa gente um elemento seguro do nosso progresso material e moral": a inspeção médico-escolar no Paraná dos anos 1920. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 287-302, Abr. 2010.

OSPINA LÓPEZ, A.; SALDARRIAGA, O.; SÁENZ OBREGÓN, J. Inspección, médico escolar y escuela defensiva en Colombia 1905-1938. **Revista Educación y Pedagogía**, [S.l.], n. 10-11, p. 147-155, mar. 2010.

**REVISTA DO ENSINO**. João Pessoa, Paraíba. 1933.

**REVISTA SALUD Y SANIDAD**. Bogotá-CO, 1932.

ROCHA, F. R. P. "**A oficina da nacionalidade**": higienização das crianças e das mães na Parahyba (1911 a 1927). 115f. Dissertação (Mestrado) -Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação. João Pessoa-PB, 2016.

ROCHA, H. H. P. Inspeccionando a escola e velando pela saúde das crianças. **Educar em revista**, n. 25, 2005.

ROCHA, H. H. P.; MARQUES, V. R. B. A produção do aluno higienizado. In: **Anais do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Uberlândia: EDUFU. 2006. p. 4549-4557.

SANTOS, R. A. **Pau que nasce torto, nunca se endireita! E quem é bom, já nasce feito?** Esterilização, saneamento e educação: uma leitura do eugenismo em Renato Kehl (1917-1937). 2008. 257f. Tese (Doutorado)- Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2008.

SOARES JUNIOR, A. S. **Physicamente vigorosos**: medicalização escolar e modelação de corpos na Paraíba (1913-1942). 2015. 271f. Tese (Doutorado)- Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa /PB, 2015.

SOLER, C. J. D.; DE ROSSI, V. L. S.. Escolas traçadas com régua e compasso na Colômbia e no Brasil. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 31, n. 83, p. 35-56, Abr. 2011.